

Escola Bíblica Semanal

Lição 2 - Evangelho de Mateus - parte introdutória (Capítulo 1.1 a 4.25)

1 – Introdução à lição

Nesta segunda lição trataremos inicialmente de caracterizar este Evangelho de Mateus, verificando sua autoria, ocasião em que foi escrito, público a que se destinou inicialmente e alguns fatos interessantes sobre esta obra divina.

Estudaremos os quatro primeiros capítulos de Mateus, onde é apresentada a origem ancestral do Messias, seu nascimento, a primeira adoração a ele e os eventos que marcaram sua infância. Veremos também o testemunho do João Batista, o arauto de Deus, a tentação contra Jesus, o Deus feito homem, o chamado de discípulos e o início do ministério de Jesus na Galiléia.

2 – Caracterização do Evangelho de Mateus

A primeira pergunta que podemos fazer sobre este livro é: quem disse que Mateus o escreveu? O próprio livro não faz esta afirmação diretamente, e muito já foi discutido a este respeito. Papias, que escreveu por volta do ano 140 da era cristã, é a testemunha mais antiga sobre esta questão. Ele escreveu que naquela época era reconhecido o fato que Mateus escreveu seu testemunho sobre a história de Jesus Cristo em dialeto hebraico (aramaico). Irineu, que escreveu até o ano 185 confirma esta versão, bem como Orígenes, que escreveu até o ano 220; também o fez Eusébio, escritor do século IV.

Críticos literários consideram que, se houve um original aramaico, ele só é concebível se considerarmos a versão grega de Mateus como não sendo uma tradução literal, mas uma completa revisão e que o próprio Mateus republicou sua obra em grego, ampliada. A versão aramaica seria apenas um conjunto de palavras, algo como um esboço, e não um Evangelho completo. Mesmo tendo sido citada a versão aramaica, ninguém jamais alegou que a viu e todos os antigos que conheceram o Evangelho de Mateus o conheceram em grego.

Dos quatro evangelhos, apenas o primeiro cita o nome de Mateus associado ao termo publicano, e em outros evangelhos ele também é chamado Levi, como era comum o uso de dois nomes entre os homens do Novo Testamento. Podemos exemplificar ainda com Saulo-Paulo, Simão Cefas, João Marcos e José Barnabé.

Assim, não parece haver qualquer indicação que outro autor tenha escrito Mateus, senão o próprio apóstolo Mateus, também chamado Levi, cobrador de impostos. A evidência também aponta para a escrita em grego feita pelo próprio autor, e não uma tradução posterior. Assim cria a igreja primitiva e assim também cremos nós, ainda que trate-se de uma discussão extra-bíblica e, portanto, ninguém seja obrigado a aceitar tais argumentos, pois não são retirados das Sagradas Escrituras.

O Primeiro Evangelho foi provavelmente escrito logo antes ou logo após a queda de Jerusalém em 70 d.C., sendo as datas mais aceitas entre 60 d.C. e 94 d.C. O local mais provável de sua composição final foi Antioquia da Síria, ainda que escritos iniciais provavelmente tenham sido

compostos em Israel.

Mateus tem uma linguagem e um conteúdo claramente voltados aos judeus, apresentando Jesus de Nazaré como o Messias prometido do Antigo Testamento, citando o cumprimento fiel das profecias de forma intensa. Sua escrita grega é carregada de formas tipicamente semitas e parece ser escrito para judeus de fala grega de todo o mundo conhecido, pois Mateus pressupõe um amplo conhecimento de costumes judaicos, citando-os sem explicá-los. Ainda que Mateus trate fortemente de temas sobre a igreja, predomina o direcionamento judaico, o que é bastante lógico para uma igreja primitiva formada inicialmente com judeus como o próprio autor.

A orientação para o alcance dos gentios também é fortíssima em Mateus. Não é uma obra que exclui, mas que inclui, dando ênfase especial à presença de gentios na adoração, na fé e na salvação.

Acredita-se que Mateus também apoiou-se em outras fontes escritas, além de usar sua própria memória. Muito do material do evangelho de Marcos é semelhante ao de Mateus, ainda que Marcos não tenha sido testemunha ocular. Esta hipótese é aceitável, mas a caracterização de tal possível fonte ainda é assunto de longos debates.

Jesus é apresentado neste evangelho como o Grande Rei prometido e esperado, e também como o Mestre supremo. É o Rei muito próximo de seus súditos, amoroso e paciente, reinando ao tempo que ensina.

Como cobrador de impostos, Mateus tinha qualificações de homem sistemático e altamente organizado, o que fica aparente na organização de seu material. Precisamos ter em mente que os rigores cronológicos da descrição de eventos tão presentes nos dias de hoje não faziam parte daquela cultura. Não havia necessidade em cronologia absoluta da descrição, mas sim fidelidade aos eventos ocorridos.

Mateus faz a apresentação dos ensinamentos de Jesus em cinco blocos bastante nítidos, o que curiosamente faz paralelo com o número de livros de Moisés, os quais compõe a Torá, obra fundamental de todo o judaísmo. Após caminhar com Jesus por alguns anos e de ter recebido ainda muito mais pela obra maravilhosa do Espírito Santo, Mateus pode finalmente organizar tudo na forma mais lógica e didática que ele viu e apresentar-nos esta maravilhosa obra de Deus, a qual apresenta antes dos ensinamentos de Jesus uma parte introdutória, hoje dividida em quatro capítulos, que mostra a preparação do messias, com a genealogia de Jesus, o nascimento do Rei e sua infância, o ministério de João Batista com o batismo de Jesus, a tentação sofrida pelo Senhor e os primeiros tempos na Galiléia.

3 – A genealogia do Rei Jesus (1.1 a 1.17)

Nada mais coerente num livro destinado a judeus que iniciar pela genealogia daquele que é apresentado, pois para os judeus as raízes familiares são determinantes da condição de um homem, especialmente o Messias, prometido para ser um judeu da família do rei Davi.

Esta genealogia apresenta características muito interessantes, começando por Abraão, o pai da nação de Israel e indo até Davi, o grande rei da antiguidade judaica, seguindo até o cativo, marco histórico da disciplina de Deus e daí até Jesus, o cumprimento perfeito das profecias messiânicas, a esperança de Israel, o Salvador. Os três grupos de 14 personalidades são representativos destas três etapas históricas de Israel.

A primeira etapa da genealogia apresenta quatro mulheres, o que é interessante, pois duas delas eram gentias, Raabe, a prostituta e Rute, a moabita. Outras duas tinham seus nomes manchados, pois Tamar concebeu de um incesto e a que fora mulher de Urias concebeu de um adultério. Estas quatro mulheres, sendo citadas já na abertura do evangelho, mostram o caráter do alcance do salvador Jesus, verdadeiramente humano e verdadeiramente divino. Sua encarnação em uma família de pecadores demonstra sua missão de salvação para toda a humanidade, pois todos pecaram, até seus antepassados terrenos.

A segunda etapa da genealogia segue pela linha dinástica de Davi, que governava o sul. Quando estudarmos Lucas veremos as diferenças entre esta linha genealógica e aquela citada por Lucas e as razões para ser assim.

A terceira etapa da genealogia trata do período inter-testamentário, como nomes que não nos são familiares. O exato teor do décimo sexto versículo é fundamental, pois muda a expressão “gerou” para “nasceu”, claramente protegendo o fato do nascimento virginal, a ser descrito em breve. José era o pai adotivo de Jesus, e não seu pai biológico, mas Maria era realmente sua mãe.

4 – O nascimento de Jesus (1.18-25)

Maria é apresentada como desposada com José, mas não coabitando. Naquela cultura o noivado já constituía um contrato de casamento e um compromisso que só poderia ser rompido por um divórcio formal. Por isso, José, apresentado como justo e como seu marido, resolve deixá-la secretamente, o que poderia ser feito por uma carta de divórcio com apenas duas testemunhas, evitando assim a humilhação pública e o conseqüente apedrejamento por adultério.

Percebamos aqui que José, o justo, resolve agir mas ainda pondera o assunto, característica de homem sábio. Nesse contexto surge em um sonho um anjo, esclarecendo a natureza da gravidez de Maria e chamando-o de filho de Davi, o que novamente afirma a natureza majestosa de Jesus, por causa de sua linhagem. Em Lucas veremos que tanto José como Maria eram da casa real de Israel, derrubando qualquer possibilidade de contestar a realeza de Jesus, seja considerando sua raiz biológica (Maria) ou legal (José).

O nome anunciado, Jesus, significa “Jeová é a salvação”, daí a explicação “porque ele salvará o seu povo dos pecados deles”. Em seguida Mateus apresenta um cumprimento de profecia, especialmente uma citação de Isaías 7.14 e a interpretação do nome hebraico Emanuel.

José, apresentado como justo e descendente de Davi, demonstra agora obediência, fazendo como ordenou o anjo do Senhor.

O versículo 25 mostra que Jesus nasceu sendo Maria ainda virgem, mas não diz que ela permaneceu assim. Na verdade a forma verbal empregada no idioma grego faz que o leitor entenda que a condição de virgindade foi preservada apenas até o nascimento. Outras passagens dos Evangelhos ainda citarão que ele tinha irmãs e também os nomes dos irmãos de Jesus, os quais acompanhavam sua mãe.

A tradição da virgindade eterna baseia-se num falso pressuposto que sexo é pecado. Existem pecados relacionados ao sexo, mas sexo entre um casal casado é bênção e ordenação de Deus, apresentado em Gênesis 1.28 como ordem de Deus a Adão e Eva e em I Pedro 3.7 como ordem aos maridos cristãos.

5 – A visita de magos do oriente (2.1 -12)

Jesus é apresentado cumprindo mais uma profecia, pois nasceu em Belém da Judéia (diferente da Belém de Zebulom, ao norte) como dito em Miquéias 5.12. Nasceu ele no tempo de Herodes, o Grande, procurador da Judéia nomeado por Júlio César, descendente de Idumeus (Edomitas) e Judeus, um homem sanguinário que assassinou alguns de seus filhos e a própria esposa por desconfiança. Este Herodes morreu em 4 a.C., o que mostra que nosso calendário contém erro de alguns anos.

Alguns magos vieram do oriente, e a palavra “*magoi*”, que designa a casta sacerdotal dos persas e babilônios, é usada aqui para designar homens nobres de um povo gentio distante, mas de origem não conhecida. Eles são tradicionalmente chamados de “três reis”, mas a bíblia não diz que eram três, tampouco que eram reis, trata-se apenas de tradição.

Ao procurarem o Rei dos Judeus, orientados pela luz divina vão até a capital, lugar natural para um rei, mas lá não o encontram, tendo contato com um falso rei, um lacaios dos romanos, um homem sanguinário e mentiroso.

Nesta passagem vemos que gentios vieram buscar o grande Rei dos Judeus, presenteá-lo e adorá-lo, mas os sábios judeus fizeram pouco caso disso e ainda seu pretense rei buscou opor-se a Deus.

Estes magos diligentemente buscaram o Rei, o adoraram e o presentearam. Seus presentes indicam três naturezas de Jesus: ouro para o Rei, incenso para o Sacerdote e mirra para embalsamar o Salvador.

Ao encontrarem o menino, ele já devia ter por volta de um ano e Maria e José estavam residindo em Belém, cidade de seus ancestrais. Avisados por divina revelação, os magos não voltaram a Herodes, mas foram por outro caminho. Eles eram uma espécie de primícias dos gentios que viriam buscar sua salvação em Cristo.

Percebamos algo curioso nesta passagem: eles seguiram a estrela, dada como sinal por Deus àqueles estrangeiros que o amavam, mas jamais adoraram a Estrela. Eles viram o menino, depois viram sua mãe e então adoraram o menino, não sua família. Só Deus é digno de adoração, e nada ou ninguém mais, conforme ordenado em Êxodo 20.

6 – A fuga para o Egito, a matança dos inocentes e a volta do Egito (2.13-23)

Novamente o anjo do Senhor aparece a José e dá uma ordem, novamente José obedece. Foi uma viagem de cerca de 320 quilômetros com um bebê nos braços. A tradicional imagem de José caminhando ao lado de um asno montado por Maria com Jesus nos braços é provavelmente verdadeira.

Herodes morreu em meio a sofrimento, mas antes de morrer deu ordens para que anciãos da Judéia fossem trancafiados em Jericó e mortos logo após a sua morte, para que houvesse pranto por toda a Judéia na morte de Herodes, o grande.

Um de seus atos terríveis foi o assassinato de crianças para tentar atingir o Rei que, segundo ele, ameaçava seu trono. Herodes nunca percebeu sua insignificância diante do verdadeiro Rei, e em sua fúria estúpida matou inocentes, destroçando famílias em Belém.

Raquel, antepassada de Benjamim e Efraim, tinha seu túmulo no caminho de Belém e aqui o Espírito Santo aplica uma passagem de Jeremias 31.15-26 à matança desses inocentes, os quais tiveram vidas tão breves, mas ganharam fama imortal, pois ao morrerem o fizeram em prol do Messias que sequer conheceram, mas que logo conheceriam em sua morada celestial.

Novamente o anjo aparece a José e dá sua ordem, e novamente José obedece. Podemos apenas imaginar o que se passava na mente deste judeu piedoso, que não conhecia a plenitude do Espírito Santo, mas que em meio a uma época de ceticismo e religiosidade fingida, recebia ordens de um anjo de Deus.

José volta do Egito, mas agora Arquelau, um homem maligno, reina em lugar de seu pai Herodes. Como inauguração de seu reinado, Arquelau matou três mil pessoas. Avisado por um anjo, José segue para a Galiléia, algo mais seguro que retornar a Belém com o único bebê daquela idade que haveria na cidade, pois todos os outros foram assassinados. Herodes Antipas, outro filho de Herodes, reinava na Galiléia, mas era um homem menos perigoso que seu pai e seu irmão.

Estabelecem-se então em Nazaré, seu antigo povoado (conforme Lucas 1.26; 2.4), cerca de 130 quilômetros ao norte de Jerusalém. Era uma cidade pequena e sem importância, não citada em obras importantes do judaísmo da época, daí a pergunta em João 1.46: “Pode vir alguma coisa boa de Nazaré?”

A parte final que diz “Ele será chamado Nazareno” não consta nas Escrituras do antigo testamento e provavelmente fazia parte das muitas profecias conhecidas porém não escritas. Ao ser expressa nesta parte da escritura, esta profecia foi pelo Senhor Deus tornada em Sagrada Escritura.

Adicionalmente, naquele contexto, ser chamado Nazareno era ser chamado de desprezível, algo freqüente nas profecias messiânicas. Era um título diminutivo e depreciativo, o que torna a expressão muito apropriada ao servo sofredor.

7 – A pregação de João Batista e o batismo de Jesus (3.1-17)

Surge a figura de um profeta que pregava o arrependimento no deserto da Judéia. É João Batista, aquele que cumpre a profecia de Isaías 40.3. A palavra original para arrependimento tem um significado de mudar de direção, praticar novas obras, ter nova vida, e não apenas um sentimento no coração. Tratam-se de ações práticas e observáveis.

As vestes e os hábitos de João dão seguimento ao modo de vida dos profetas do Antigo Testamento.

Importante é salientar que gafanhotos eram alimento cerimonialmente puro segundo a Lei de Moisés.

O batismo não foi invenção de João e já era praticado por rabinos daquela época. Fariseus e saduceus, querendo fazer mais um ato exterior, vão até João, mas são duramente repreendidos e confrontados com a realidade do arrependimento. Esta passagem nos mostra que a salvação não é recebida por batismo ou por descendência, mas cada um deve produzir frutos para não ser cortado e lançado ao fogo. João anunciou o começo de um novo período, a chegada do Reino dos Céus.

Mateus dirige-se a judeus e segue o costume de evitar citar a palavra “Deus”. A expressão Reino dos Céus a amplamente usada por Mateus como sinônimo de Reino de Deus e não como algo diferente.

João fez o seu batismo, mas anunciou aquele que era maior e que batizaria com o Espírito Santo e com fogo. Veio então o próprio anunciado, Jesus, e foi batizado por João, seu primo e profeta amado. A forma de Jesus falar com João soa até carinhosa: “Deixa por agora, porque assim nos convém cumprir toda a justiça”. Jesus inclui João na sua missão, “nos convém”. É algo maravilhoso. Jesus não tinha pecados a confessar, nem impurezas a limpar, mas o fez por nós, como exemplo.

Jesus foi batizado, e naquele momento veio sobre ele o Espírito Santo, capacitando-o para o ministério a seguir. Houve também o maravilhoso anúncio de Deus sobre seu filho amado.

Quem estava ali, nas margens do rio Jordão, pode deparar-se num único momento com o Pai, o Filho e o Espírito Santo.

8 – A tentação, o chamado dos discípulos e o início do ministério (4.1-25)

Satanás foi derrotado. Jesus jejuou quarenta dias e quarenta noites e teve fome, apareceu então o maligno tentando Jesus em três aspectos: suprir-se de forma imprópria, apresentar-se de forma imprópria e cumprir sua missão de forma imprópria.

A primeira tentação foi fazer comida a partir das pedras. O milagre em si não era pecado, mas Jesus foi ao deserto para jejuar e orar, não para comer. Desde antes da criação do mundo aquele ministério fora planejado e fazer pedras virarem pães não fazia parte do propósito. Jesus foi tentado a fazer algo possível, mas totalmente fora de propósito, em lugar e hora errada; ou seja, Jesus foi tentado a não cumprir a vontade de Deus para si e a desprezar o propósito que fez. O salvador nunca usou um meio de beneficiar-se que não pudesse ser usado por seus seguidores.

A segunda tentação foi lançar-se do ponto mais alto do templo. Uma chegada assim contrariaria os planos de Deus para o Messias e Israel teria seu líder militar e político como desejavam, um homem que descia lentamente pairando ao ar após lançar-se do pináculo do templo. Todo o propósito Messiânico estaria destruído se Jesus obedecesse e seria uma estupidez tentar ao

Senhor Deus, para ver se ele responderia a uma necessidade. Não devemos tentar colocar Deus contra a parede, seremos despedaçados. Se Deus prover o que precisarmos, ele é Deus. Se não o fizer, ele também é Deus.

A terceira tentação foi a de receber o comando da terra através da idolatria. Há várias impropriedades nesta tentação. A mais evidente é a idolatria, tão comum em nossos dias, mas há outras coisas. Jesus veio para reinar, mas seu reino não é deste mundo. Ele dominará a terra como governo visível, mas ainda não chegou a hora. Ainda assim, Satanás ofereceu algo que ele não poderia dar. Mesmo sendo o príncipe deste mundo, a Bíblia diz “Do Senhor é a terra e a sua plenitude, o mundo e aqueles que nele habitam.” (Salmos 24.1).

O diabo ofereceu o que não poderia dar, pedindo em troca o que não deveria receber. Pactos com o diabo são assim, quem faz o pacto perde o que tem e não recebe o que quer.

Jesus manteve-se no centro da vontade de Deus, cumpriu os propósitos do Senhor e derrotou o inimigo. Satanás citou passagens fora de seu contexto e distorcidas. Jesus respondeu citando e interpretando corretamente as Escrituras.

Satanás enganou e derrubou o primeiro Adão, mas o segundo Adão é vitorioso e começa sua luta contra as trevas derrotando o príncipe das trevas. Todo o reino espiritual estava então ciente que o Diabo estava derrotado, agora restava apenas a limpeza do terreno, removendo as potestades inferiores, conforme veremos no seguir do evangelho. Diante da fúria destrutiva dos demônios, invocamos o nome de Jesus, porque este é o vitorioso.

Aprendamos aqui algumas lições: 1 - Satanás tenta os piedosos. 2 - Satanás é um inimigo já derrotado por nosso Senhor. 3 - A tentação, quando espiritualmente discernida e desnudada, é pavorosa e não bela. 4 - Satanás perverte as coisas boas. 5 - Bons resultados não seguem métodos indignos. 6 - A grande finalidade da vida não é a auto-satisfação, mas o dever com Deus. 7 - Meio termo com o diabo é adoração ao diabo. 8 - Silencie o diabo com as Escrituras!

Depois destas coisas, os anjos vieram e serviram Jesus e ele, já satisfeito, voltou para a Galiléia, após saber que João fora preso, provavelmente durante seu jejum. Pelo norte começa o ministério de Jesus, especificamente em Cafarnaum, uma agitada cidade que mais tarde foi inteiramente devastada. O Senhor vem descendo em direção a Jerusalém ao longo do seu ministério. As terras distantes foram abençoadas e iluminadas. Sua pregação dizia o que João já antecipara: “Arrependam-se, porque está próximo o reino dos céus”.

Junto ao mar Jesus viu alguns homens, e dentre eles tomou discípulos. Convém lembrarmos que a resposta dos discípulos foi imediata.

Jesus começa então a percorrer toda a Galiléia em seu triplo ministério: ensinando, pregando e curando. Sua fama alcançou até a Síria e até estrangeiros vinham a Israel buscar os ensinamentos, a pregação e as curas de Jesus. Numerosas multidões o seguiam neste momento inicial.

O triplo ministério de Jesus supria as necessidades do povo: a cura e a libertação para os doentes e cativos, o ensino da verdade de Deus para esclarecer os homens e a pregação do evangelho para salvar os que cressem em sua Palavra. O povo desejava um chefe militar, um rei guerreiro, poderoso e inimigo de Roma. Desejavam fartura na colheita e superioridade em relação aos outros povos.

Mais tarde, um daqueles discípulos chamados disse a um homem: “ouro e prata eu não tenho, mas o que tenho eu te dou”.

Deus não nos dá o que queremos, mas o que precisamos. Lembremos disso quando orarmos.

Encerramos aqui o estudo de hoje. Seguiremos na próxima lição por nosso estudo do Evangelho de Mateus. Para preparar-se, leia Mateus 5.1 a Mateus 9.34, se possível em diferentes traduções, e anote os pontos principais que lhe chamam a atenção, fazendo uma breve ficha de leitura sobre o que leu.

Para a elaboração deste estudo foram consultadas as seguintes fontes:

Archer, Gleason. **Enciclopédia de temas bíblicos: respostas às principais dúvidas, dificuldades e “contradições” da Bíblia.** São Paulo: Editora Vida, 2001.

Arrington, French L. e Stronstad, Roger (editores). **Comentário Bíblico Pentecostal Novo Testamento.** 2ª Edição. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 2004.

Bíblia de Estudo Aplicação Pessoal. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 2004.

Bíblia de Estudo de Genebra. São Paulo e Barueri: Cultura Cristã e Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

Cesaréia, Eusébio de. **História Eclesiástica.** 5ª Edição. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 2004.

Earle, Ralph; Sanner, A. Elwood. E Childers, Charles L. **Comentário Bíblico Beacon. Vol 6: Mateus a Lucas.** Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 2006.

Pearlman, Myer. **Mateus: o Evangelho do Grande Rei.** 5ª Edição. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 2004.

Oliveira, Marcelo Ribeiro de. **ABSVD – A Bíblia Sagrada versão digital 5.8.0001 Almeida Corrigida, Fiel.** Blasterbit Software, 2005. Download disponível em <http://www.blasterbit.com/>

Walvoord, John F. **Todas as profecias da Bíblia.** São Paulo: Editora Vida, 2002.

Lição elaborada por Carlos Alberto Bornhofen, servo de Jesus Cristo.
<http://www.geocities.com/malaquias316>